



GT 18. As encruzilhadas entre fazer sofrer ou devolver a dor nas teias governamentais do sofrimento

Coordenador(es):

Larissa Nadai (USP - Universidade de São Paulo)

Anelise dos Santos Gutterres (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Sobre fazer sofrer: o sofrimento como técnica e modo de governo

Debatedor/a: Everton de Oliveira (UEM - Universidade Estadual de Maringá)

Sessão 2 - Sofrimento como gramática: enredamentos entre política e práticas de existência

Debatedor/a: Adriana dos Santos Fernandes (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Dando continuidade aos debates iniciados na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, em Brasília, este Grupo de Trabalho aborda a relação entre as diversas malhas governamentais e seus efeitos na condução da vida cotidiana. Especificamente, interessa-nos os efeitos que geralmente são traduzidos como sofrimento, tanto pelos sujeitos que experienciam essa condição afetiva quanto pelos discursos que compõem o aparato governamental e seus modelos de gestão de corpos, populações e territórios. Ou seja, situações de pesquisa cujo nexos está exatamente em situar o sofrimento tanto nas tramas que conformam o aparato governamental em seus mais variados setores, órgãos e instituições, quanto no modo pelos quais os sujeitos se movem por tais emaranhados estatais. Nesse sentido, por um lado, procuramos reunir neste GT, investigações atentas etnograficamente aos modos pelos quais as instâncias estatais induzem (ou refreiam) o sofrimento (físico, moral ou subjetivo) das populações que visam governar, num entrecruzamento cujo móvel está nas práticas de controle, cuidado, intervenção, perscrutação e/ou extermínio de corpos, relações e territórios. Por outro lado, a fim de escrutinar os limites éticos de pesquisa em tais condições - assim como os desafios de uma escrita antropológica da dor que não reincida ela mesma na classificação maciça do sofrimento -, daremos prioridade às reflexões metodológicas e políticas nas quais a antropologia e as ciências sociais sejam o próprio foco de atenção.

?Aceita que doi menos?: escrevendo sobre sofrimentos na escola no contexto de necropolítica

Autoria: Izabela Amaral Caixeta (secretaria de educação)

A presente proposta tem por objetivo tecer reflexões autoetnográficas, em perspectiva interseccional, sobre o crescente adoecimento docente no contexto capitalista e a relação do racismo e do sexismo na produção de sofrimentos na escola. O adoecimento docente no Brasil vem sendo expresso pelos aumentos significativos de afastamentos do work, ligados principalmente as questões de saúde mental. São comuns os debates sobre condições laborais da categoria, falta de reconhecimento da profissão, como também as múltiplas demandas frente à precarização da educação pública. Aqui pretendo propor outra narrativa, ao refletir de que forma as violências estruturais do racismo e do sexismo afetam e produzem sofrimentos expressos no chamado ?mal estar docente?. A expressão ?aceita que dois menos? é um aforismo presente em falas cotidianas de tom prescritivo e moral que podem revelar uma espécie de tensão entre resistências e/ou resignações frente a elementos de poder estabelecidos. Aqui utilizo esse aforismo como exemplo simbólico da imposição de um projeto de mundo moderno/colonial/ocidental/racial presente também na linguagem e reproduzido pela escola, ?norteada? por suas ?grades curriculares?. Na esteira do filósofo camaronês Achille Mbembe, em sua obra Políticas da Inimizade (2017), busca-se aqui refletir sobre o papel da necropolítica e seus efeitos na



educação. Neste contexto de exploração do sofrimento, banalização da violência e de fronteiras metafóricas da separação (do eu e do outro) argumento ser possível identificar uma relação muito estreita entre reprimendas ?comportamentais?, presentes na escola enquanto instituição total e lócus da ação estatal , com mais um dispositivo do fazer morrer (MBEMBE, 2017) vigente, da prática do chamado ?racismo de estado?. Busco compreender a relação do processo de militarização de escolas, em franca expansão no Brasil, com o exercício do necropoder e na (de) formação de subjetividades. Também propor reflexões sobre necessárias práticas antirracistas e antissexistas enquanto estratégias de promoção da saúde na escola. A partir das contribuições da escrevivência (Conceição Evaristo), busco possíveis aproximações metodológicas com a autoetnografia para melhor compreender experiências do adoecimento docente em contexto periférico de uma escola pública no Distrito Federal.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: